

Adiante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS



IMPORTANTES PASSOS PARA A UNIFICAÇÃO DAS FORÇAS OPOSICIONISTAS

VIREMOS A NOSSA ACÇÃO PARA AS MASSAS POPULARES!

A grande jornada democrática de 15 de Novembro em Braga, na qual participaram mais de 500 democratas de todo o país, marca o início dum novo ascenso da luta do nosso povo contra a ditadura de Salazar.

As diversas camadas da população, desde a classe operária e os camponeses até à pequena e a média burguesia sentem que é imperioso sacudir o jugo duma camarilha de monopolistas inimigos da pátria, apostados em reduzir à ruína e à miséria o povo português.

Está hoje claro que só a repressão mais feroz permitiu ao salazarismo prolongar o seu odioso domínio e atenuar transitória e momentaneamente a crise aguda que lhe roi as entranhas. Quanto aos principais problemas que afligem a nação, longe de se terem atenuado, conheceram de facto um novo agravamento.

A adesão do governo salazarista à Associação Europeia de Comércio Livre e as condições recentemente estabelecidas em Estocolmo, vibram um profundo golpe nos interesses nacionais. A próxima redução de 20% nos direitos de importação levará a uma verdadeira inundação de produtos oriundos de países altamente industrializados como a Inglaterra, a Suíça e a Suécia, além dos que a Alemanha, nossa principal credora, imporá aos dóceis governantes salazaristas.

Esta concorrência ruinosa com a produção nacional no próprio mercado português e a febril constituição de novos monopólios, conduzirão infalivelmente a economia nacional a uma falência certa, se até lá as forças patrióticas da nação não se levantarem unidas para sacudirem do poder Salazar e o seu bando.

A Unidade é um imperativo da Nação

A jornada democrática de Braga representa um importante passo em frente no reagrupamento das forças democráticas e anti-salazaristas para novas batalhas políticas contra Salazar e o seu regime.

No meio do enorme entusiasmo desses mais de 500 portugueses, foram formulados ardentes votos de Unidade e estabelecidos planos de acção que só podem merecer o aplauso de todos os que desejam sinceramente libertar Portugal da praga salazarista.

Porém, como justamente disse o Sr. Dr. Câmara Reis naquele acto público, «*não bastam os aplausos*» — é necessário passar das palavras aos actos, acabando-se com as discriminações e as incompatibilidades políticas derivadas de anteriores susceptibilidades.

Sempre no meio de aplausos ca-

lorosos, a Assembleia deliberou enviar telegramas de protesto aos Presidentes da República e do Conselho contra o processo ao escritor Aquilino Ribeiro e contra a não integração do Dr. Victor de Sá na Escola Técnica de Braga, assim como enviar mensagens de saudação ao Sr. General Humberto Delgado e Dr. Álvaro Lins, ilustre ex-Embaxador do Brasil em Lisboa e ao Dr. Jaime Cortesão.

Ao mesmo tempo, os democratas ali reunidos elaboraram uma declaração solicitando uma imediata Amnistia política, a qual, assinada por todos os presentes, se destina a colher milhares de assinatu-

ras. Foi também resolvido comemorar o 31 de Janeiro à volta duma homenagem ao ilustre patriarca da República e ardente paladino da Unidade, Dr. António Luís Gomes, como primeira grande jornada das comemorações do cinquentenário da República, e bem assim formar desde já em cada localidade Comissões eleitorais com vistas à preparação dos próximos actos eleitorais.

Os resultados positivos desta importante assembleia democrática influirão decisivamente na reanimação do movimento anti-salazarista em todo o país.

(continua na 2.ª pág.)

NÃO SÃO PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS, SÃO COLÓNIAS!

OS COLONIALISTAS PORTUGUESES EM MAUS LENÇÓIS...

Colónias e bem colónias são os extensos territórios que na África, na Ásia e na Oceânia vivem sob o domínio do fascismo português. Que S. Bento lhes chame «*províncias*» — coisa que se não fosse trágica pelo significado que comporta, era simplesmente ridícula — em nada altera a realidade do domínio escravagista.

A tribuna da ONU serve aos colonialistas portugueses, pela boca dos srs. Vasco Garin e Franco Nogueira, para vociferar mentiras e uma argumentação pobre e ridícula que é tantas vezes motivo de riso para os outros delegados. Dessa vergonhosa actuação e das perguntas e respostas incisivas dos outros delegados que dizem da verdade nua e crua que se vive nas colónias, que desmascaram as violências praticadas pelo Governo de Salazar contra os povos nativos, que põem a descoberto essas «*mavrilhas*» civilizadoras, disso não falam os jornais portugueses.

Por que se recusa o governo de Salazar sistematicamente à discussão do que se passa nas colónias portuguesas? Uma tal posição cria um estado de conflito permanente com os Estados independentes da África e da Ásia — é notória a maneira odienta como a imprensa reaccionária se refere a estes jovens estados afro-asiáticos — e pode, inclusivé, levar a ONU a tomar conta, sob tutela, das colónias portuguesas. Quer dizer, a posição ostensiva do governo salazarista, a manter-se, conduz a um perigoso caminho: à guerra colonial. O salazarismo brinca com o fogo, indiferente aos sofrimentos que daí adviriam para o povo português e, por isso, é necessário que o nosso povo esteja muito atento no senti-

do de pressionar, pressionar sempre, até que seja arrancada a única solução adequada: a autonomia das actuais colónias. Outra hipótese é não só injusta e cruel como também insustentável, pois nenhuma força no mundo pode impedir que, mais cedo do que muitos julgam, esses povos hoje escravizados se levantem e tomem nas suas mãos, definitivamente, os destinos das suas pátrias. Só a ganância e a mentalidade reaccionária podem ditar outra solução, solução que está conforme aos interesses de meia dúzia de grandes colonialistas, mas que é profundamente contrário aos interesses da Nação.

O sr. Nogueira e o sr. Garin, todos os senhores colonialistas, têm de concordar que não é com roupagens bonitas que se conseguem esconder as chagas profundas deixadas no corpo e no coração do nativo pela mais vil e cruel exploração e opressão colonialistas. Não é com fraseologia que se faz esquecer o sangue que correu já em S. Tomé, em Goa, em Angola, na Guiné, em Timor, etc..

O governo de Salazar não consegue já enganar ninguém e muito menos o povo português que sabe, por experiência própria, quão feroz e brutal é a política fascista. Se o governo de Salazar não respeita os direitos da pessoa humana na Metrópole, como os há-de respeitar nas Colónias?

O colonialismo será sempre colonialismo e a vida dos povos escravizados não será mais feliz por S. Bento ter decretado que as colónias se chame províncias ultramarinas. A felicidade e o progresso desses povos está, sim, na sua libertação do jugo escravagista e na livre escolha do seu destino.

PELA AMNISTIA!

QUE OS PRESOS POLÍTICOS FESTEJEM JÁ O NATAL COM AS SUAS FAMÍLIAS!

O governo de Salazar prossegue e intensifica os seus característicos processos de regime que tem contra si a esmagadora maioria da Nação e que quer encobrir com violências de toda a ordem a sua fraqueza e impotência. À margem das suas próprias leis, à margem dos princípios da ONU, de que Portugal é signatário, à margem dos mais elementares direitos da pessoa humana, o salazarismo age como Estado policial que é.

Dezenas e dezenas de homens, mulheres e jovens, quer sejam democratas, quer simples anti-salazaristas, quer sejam pessoas que lutem apenas pelos seus problemas próprios, são presos e torturados. Eles sofrem o ódio bandejado da PIDE que não se detém perante as torturas mais bestiais. Os presos são mantidos dias e noites consecutivos sem dormir, de estalua, e ainda espancados.

O jovem Domingos Abrantes esteve, com ligeiros intervalos, mais de 20 dias sem dormir, sofrendo os insultos e as selvajarias da polícia.

O democrata de Vale de Vargo, Manuel Gonçalves, foi interrogado durante 4 dias e 4 noites consecutivos por agentes da PIDE, que se revezavam de 4 em 4 horas, e, depois, foi melido num quarto durante 20 dias, sem luz e sem recreio.

Os trabalhadores de Aljustrel Isidoro Tadeu e Joaquim Barão foram de tal modo torturados que enlouqueceram.

Os jovens democratas Dinis Miranda, Carlos Soares e Sílvia dos Santos sofreram a «*estátua*» e longos e longos dias de incomunicabilidade.

Outros indivíduos, como Abel Costa, Paulo de Barros, Maximiano de Menezes, Fernando Ferreira e Pontes, todos do Porto, e Centeio, de Alparça, foram postos de «*estátua*» durante vários dias e espancados. O mau comportamento destes 6 jovens não pode minimizar, do ponto de vista humano, os processos cruéis da PIDE para obter declarações.

Assassinos, como o Tenente Carrajola e o sargento Francisco Ronge, disparam impunemente as suas metralhadoras sobre os camponeses alentejanos. Jovens do Porto são chamados à PIDE, interrogados e ameaçados de que a polícia terá doravante os olhos pousados na sua vida.

Nas prisões de Caxias, de Peniche e do Aljube dominam a arbitrariedade, as provocações e os maus tratos. No dia 5 de Outubro, por exemplo, os presos de Caxias sofreram represálias por cantarem o hino nacional! Contra esta enormidade se levantou muito justamente a indignação das famílias destes patriotas concretizada num protesto ao Ministro da Justiça com mais de 100 assinaturas.

Longos e longos anos nas prisões, à sombra das celeradas «*medidas de segurança*», permanecem homens e mulheres cuja vida é um exemplo de dignidade sem mancha. Álvaro Cunha, Francisco Miguel, Manuel Rodrigues da Silva, Manuel Guedes e outros democratas contam já, respectivamente, 10, 12 e 7 anos de prisão ininterrupta e o salazarismo visa a prorrogação contínua das «*medidas de segurança*», isto é, a sua prisão perpétua.

Outros são melidos nas masmorras da PIDE e aí esperam anos pelo seu julgamento, como sucede com Rolando Verdial e Ivone Lourenço.

Nos tribunais fascistas, «*juizes*» vendidos, desonrados como magis-

(continua na 6.ª pág.)

DIA A DIA SE TORNA MAIS IMPERIOSA A LUTA POR UM AUMENTO GERAL DOS SALÁRIOS E ORDENADOS

Continua a assinalar-se por todos os lados a subida do custo de vida. Os preços dos principais artigos necessários à alimentação dos trabalhadores portugueses continuam a subir de semana para semana, de mês para mês.

A subida do custo do peixe, do azeite, da carne, dos ovos, do bacalhau, das rendas de casa, vai agora ser seguida pela anunciada e possível subida dos transportes colectivos em Lisboa, das chamadas telefónicas em Lisboa e Porto e do leite em Lisboa. Por outro lado, a Sociedade Estoril pretende suprimir na sua linha de caminho de ferro as carruagens de terceira classe, o que equivale, na prática, a uma elevação das tarifas para as classes trabalhadoras. Em volta das tarifas do metropolitano em Lisboa tramam-se negociações secretas, que certamente não irão favorecer os trabalhadores lisboetas. Os serviços municipalizados do Porto elevaram as tarifas da electricidade e os habitantes de Coimbra estão na perspectiva de verem também essas tarifas elevadas. Estas subidas constantes dos artigos de primeira necessidade, da iluminação e aquecimento, dos transportes colectivos e das rendas de casa tornam cada vez mais sombria a vida da classe operária e dos outros trabalhadores portugueses, bem assim como das pessoas que vivem de reformas e rendimentos fixos.

Em flagrante contraste com o agravamento contínuo das condições de vida da classe operária e dos outros trabalhadores da cidade e do campo estão os lucros crescentes do grande patronato monopolista. Enquanto para centenas de milhares de trabalhadores a vida se torna dia a dia mais dura, mais cheia de sofrimentos e de preocupações, para os tubarões da alta finança, ligados às empresas monopolistas e ao governo de Salazar, a vida vai próspera, crescem-lhes continuamente as fortunas escandalosas de centenas de milhares de contos, ou de milhões de contos. De ano para ano crescem os lucros dos bancos e de certas empresas monopolistas, como por exemplo as empresas produtoras de energia eléctrica, de adubos químicos, de cimentos, da pesca, etc. Esta prosperidade insólita do grande patronato, da alta finança salazarista, faz-se à custa dos salários de fome dos trabalhadores, à custa de muitas privações e de muitos sofrimentos de centenas de milhares de portugueses.

Sabe-se que o governo de Salazar se esforça por todas as formas em manter congelados os salários da classe operária e os ordenados dos outros trabalhadores. Ao aumento, este ano, dos vencimentos do funcionalismo público e das forças armadas — que de resto foi insuficiente — não sucedeu qualquer aumento dos salários e ordenados das classes trabalhadoras. Para assegurar esta política contrária aos interesses dos trabalhadores de Portugal, Salazar serve-se de certos dirigentes sindicais vendidos ao patronato, da demagogia e das ameaças do ministro das Corporações, da acção terrorista da PIDE e das espingardas da PSP

e da GNR.

No entanto, centenas de lutas da classe operária e das classes trabalhadoras aí estão a apontar-nos um caminho, a mostrar-nos que não nos devemos deixar atemorizar, que, mesmo dentro do regime fascista como o de Salazar, ainda é possível aos trabalhadores fazerem valer os seus direitos e obterem a satisfação de certas reivindicações.

A vitória alcançada este ano pelos valentes pescadores de Matosinhos que, após 71 dias de greve, conseguiram fazer valer os seus direitos é um dos casos mais esclarecedores de como é possível fazer recuar o patronato explorador e o governo de Salazar. No entanto, outras lutas também muito importantes da classe operária, como por exemplo a dos metalúrgicos de Viana do Castelo, do Porto, de Braga, de Lisboa e de Santarém, a dos operários têxteis do Norte, dos ferroviários do centro e do Porto, dos mineiros de Aljustrel e dos assalariados agrícolas de Alpiarça, testemunham bem a combatividade da classe operária e a possibilidade de se mobilizarem milhares de trabalhadores, de se alcançarem vitórias totais ou parciais, mesmo dentro dum regime fascista como o de Salazar. Para defender os seus interesses vitais e assegurar a conquista das suas reivindicações, a classe operária só tem um caminho: A LUTA ORGANIZADA E A SUA UNIDADE.

A forma mais simples e que mais vitórias tem proporcionado à classe operária para unir e organizar todos os trabalhadores na luta pelas suas reivindicações é a formação de comissões de unidade dentro das empresas, nos locais de trabalho ou por profissão. Essas comissões, constituídas por trabalhadores honrados e combativos, lutam junto do patronato e dos Sindicatos em nome de todos os trabalhadores e organizam concentrações destes na gerência das empresas e nos Sindicatos.

A luta das mulheres donas de casa contra a carestia da vida, em certas zonas do País, deve ser reforçada e alargada. As mulheres têm um importante papel a desempenhar na luta contra a carestia da vida, pois são elas que têm de assegurar a alimentação familiar.

É dentro deste espírito de larga unidade e de organização que a luta reivindicativa que os trabalhadores de algumas profissões da região de Lisboa e de outros pontos do país começam a organizar reuniões para estudar a forma de lutar com êxito por aumento geral dos seus salários e ordenados. Sabemos que já se realizaram algumas dessas reuniões e que centenas de trabalhadores que nelas participaram se mostram dispostos a prosseguirem nessa luta até conseguirem um aumento geral dos salários e ordenados dos trabalhadores portugueses. Esse é um caminho justo e que poderá conduzir a uma vitória dos trabalhadores, se estes souberem forjar em volta de si uma larga unidade de acção e se souberem organizar essa luta à escala nacional.

Na luta por um aumento geral dos salários e ordenados estão interessados todos os trabalhadores portugueses, sem diferenças de credos religiosos ou cor política. É preciso, por conseguinte, que nesse grande movimento participem trabalhadores de todas as fábricas e oficinas, que ele esteja aberto a todos os trabalhadores honrados. Essa é a principal condição para a sua vitória.

IMPORTANTES PASSOS PARA A UNIFICAÇÃO

(continuação da 1.ª pág.)

É de realçar o papel dos trabalhadores minhotos nesta bela jornada democrática.

As massas trabalhadoras apontem o caminho

A classe operária consciencializa-se cada vez mais da importância das suas lutas para o estabelecimento duma sólida Unidade de todas as forças oposicionistas na realização de acções comuns que abalarão o regime salazarista e o derrotarão.

No quadro das lutas operárias e camponesas, da intelectualidade progressiva e doutras camadas da população, sente-se crescer o desejo das amplas massas de se lançarem em novas batalhas contra os opressores salazaristas.

Os 800 operários da Parry & Son, os têxteis da Serra da Estrela, do Porto e Guimarães, as operárias da CUF do Barreiro, os vidreiros da Marinha Grande, os metalúrgicos do Porto e Braga e os cueleiros de Guimarães, os pescadores de Matosinhos, os desempregados rurais de Alpiarça, os operários químicos e da construção civil de Lisboa e até mesmo os 12 modestos varredores municipais de Torres Novas, todos estes trabalhadores exprimem, com as suas lutas, o profundo descontentamento que lava em todo o país contra a política de miséria dos governantes salazaristas.

Um importante significado têm igualmente as lutas de classes como as dos médicos, dos professores do ensino particular, dos estudantes universitários, dos arquitectos, dos engenheiros e outras.

Podem estas lutas não ter ainda ultrapassado as suas formas mais simples e não ter atingido mesmo uma projecção verdadeiramente nacional. Assim mesmo, elas são como que irrupções duma ascendente disposição de luta, precur-

sora de mais vastas e poderosas acções.

Condições favoráveis para derrotar Salazar

Externamente, todos os factores jogam contra Salazar e o seu regime. Um papel de excepcional importância exerce a atitude combativa dos milhares de portugueses que se encontram fora da sua pátria. O acolhimento entusiástico dado pelos portugueses do Brasil, da Venezuela, da Argentina aos Srs. General Humberto Delgado e Capitão Henrique Galvão; as manifestações anti-salazaristas das colónias de portugueses da França, do Canadá, dos Estados Unidos e da Inglaterra; o desafecto político dos portugueses que se encontram em Moçambique, Angola, Guiné e S. Tomé e Príncipe pelo regime salazarista; a audiência dada pelos mais diversos meios políticos da Inglaterra e da Holanda ao Sr. General Humberto Delgado e por último os vigorosos ataques à política colonialista de Salazar nesta Assembleia Geral da ONU, todos estes factos destroem o mito do prestígio de Salazar entre os portugueses emigrados e na arena política internacional.

Cada vez mais aparece aos olhos de todos os povos a cara fascista e extremamente reaccionária do regime salazarista.

As perspectivas são, pois, altamente favoráveis ao desencadear-se de novas e poderosas lutas de massas contra a ditadura de Salazar e ao estreitamento da Unidade das diversas forças da Oposição.

É possível derrubar o salazarismo, porém, só a luta das massas transformará a possibilidade em realidade.

Éxitos decisivos poderão ser obtidos, se as forças democráticas virarem decididamente a sua acção para as massas, se banirem da sua actuação a discriminação e o pudorismo que só favorecem o regime e prolongam a sua odiosa existência.

LIBERDADE PARA FARJALLAH HELU!

No passado mês de Junho foi preso na Síria pela polícia política da República Árabe Unida o camarada Farjallah Helu, secretário do C.C. do P.C. do Líbano.

Este destacado dirigente da luta heróicamente levada a cabo pelos povos árabes contra o imperialismo e pelas liberdades democráticas, está sendo vítima das mais selváticas torturas.

A R.A.U., que conduz uma política externa anti-imperialista e que tem tomado posições positivas em relação ao desanuviamiento internacional e à paz, no domínio interno esquece que foi o povo o obreiro da independência nacional e que foram os comunistas os mais intrépidos lutadores. Um a um, o regime instaurado na R.A.U. vai quebrando os vínculos com o povo e reforçando o seu carácter de classe. São os interesses de classe da grande burguesia e da alta finança — sobretudo da alta finança egípcia — que esse regime defende. Só na primeira metade deste ano foram encarceradas na R.A.U. cerca de 3 mil pessoas.

Milhares de vidas estão em perigo e, em especial, as daqueles patriotas que mais abnegadamente continuam a luta popular — os comunistas.

Farjallah Helu consagrou já mais de 30 anos da sua vida à causa da libertação nacional dos povos árabes. A sua vida está ameaçada.

À indignação e aos protestos do povo libanês, em nome dos sagrados direitos da pessoa humana, juntamos o nosso veemente protesto e exigimos a imediata libertação do camarada Helu!

O povo português, que sofre na sua própria carne as consequências do terror salazarista, deve esta prova de solidariedade a todos os patriotas que lutam pela democracia e pela paz. Por isso, enviemos cartas, postais, abaixo-assinados, etc., à Legação da República do Egipto em Lisboa, (Avenida Luís Bivar, 38-5.º D.º), protestando contra as torturas infligidas aos patriotas árabes e exigindo a libertação de F. Helu e dos seus companheiros!

NO 42.º ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

(PASSOS DA SAUDAÇÃO DO C. C. DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS AO C. C. DO PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA)



Queridos Camaradas:
Chegais ao 42.º aniversário da Revolução Socialista de Outubro com novos e grandes êxitos em todos os domínios da construção do Comunismo.

O Comité Central do P.C.P. saudava-vos calorosamente e, por vosso intermédio, a todo o povo soviético.

Os novos avanços da ciência e da técnica, brilhantemente comprovados com os lançamentos dos luniks, os êxitos no terreno económico, a passagem a 6 e 7 horas de trabalho por dia no próximo ano, os novos aumentos de salário são sucessos que alegrem e enchem de orgulho também os comunistas e os trabalhadores de Portugal.

Cremos não nos equivocar ao afirmar que o ano de 1959 ficará assinalado como o ano em que o clima de guerra fria começou a dar lugar ao clima de desanuviamento da situação internacional, propício a negociações.

Os resultados alcançados com a viagem de Nikita Krustchov, já hoje histórica, aos Estados Unidos, a proposta de desarmamento geral e total do Governo da União Soviética apresentada por ele na ONU, a recente diminuição das despesas militares da U. Soviética são novos factos palpáveis, que mostram com evidência que o primeiro país so-

cialista do Mundo não deseja apenas a paz e a coexistência pacífica, mas luta também sem desfalecimento pelo triunfo das ideias leninistas.

Tais ideias e propostas encontraram a mais entusiástica aprovação entre todos os povos, incluindo naturalmente o povo português que há mais de 33 anos luta em difíceis condições para se libertar da tirania fascista, para conquistar a democracia, por uma política de paz e de relações de amizade com todos os povos do mundo, sem excepção.

Queridos Camaradas, nós, comunistas portugueses, estamos certos que conosco a parte mais avançada da classe operária e pessoas progressivas de Portugal pensamos que a melhor saudação que podemos dirigir-vos e, por vosso intermédio, a todos os comunistas e povos da União Soviética, pela passagem do 42.º aniversário da Revolução Socialista de Outubro, é prometer-vos solenemente que não pouparemos esforços para que se reforce e alargue a amizade entre os povos de Portugal e da União Soviética.

A saudação do Comité Central do P.C.P. termina dando vivas em honra do 42.º aniversário da Revolução Socialista de Outubro, do P. C. da U. S., do povo soviético e da paz em todo o mundo.

AMEAÇADA A INDÚSTRIA CONSERVEIRA

A crise da indústria conserveira tem vindo a agravar-se de ano para ano: falta de peixe, embarcações criados pelo salazarismo, falta de mercados.

O ano passado, por exemplo, faliram duas fábricas em Olhão. Mas este ano as condições agravaram-se ainda mais, visto que os recursos dos pequenos e médios industriais se vão esgotando.

Das várias reuniões dos industriais de Portimão, Olhão e Vila Real de Santo António safou um documento que um grupo de industriais tornou presente ao Secretário do Comércio quando com ele se avistou. Mas parece que S. Ex.ª fez algumas promessas e nada mais.

Entretanto, com o aumento do azeite, a situação ainda mais se agravou. Em Olhão começou a correr a ideia de se ir entregar as chaves das fábricas ao Grémio, forçando o Governo a tomar medidas.

Presentemente, a situação é já bastante grave. Assim, constata-se a falência aberta da firma Honrado & Honrado. Um dos sócios já tentou suicidar-se. A firma Reis Silva & Manuel Ramirez só ainda não abriu falência porque os credores ainda não actuaram. Reis Silva foi, ao que nos informam, acometido por uma trombose.

Claro que o Governo nada faz para resolver os problemas dos pequenos e médios industriais conserveiros. Pelo contrário, todas as suas manobras são orientadas no sentido da concentração monopolista para satisfazer os interesses dum Ramirez, dum Ledo ou Adão Polónia.

Em suma, cerca de 10 fábricas em Olhão estão na iminência de

fallir. A sua manutenção ainda, deve-se ao facto de os industriais terem vindo a recorrer a alguns bens que possuem, vendendo-os.

O encerramento destas fábricas lançará no desemprego completo 200 homens e 1000 mulheres aproximadamente. Mais fome e mais miséria para os já miseráveis lares dos operários conserveiros e dos pescadores algarvios e de Setúbal.

Perante uma tal situação, que é idêntica em Portimão e em Setúbal, os industriais e os operários não devem cruzar os braços. Eles devem lutar em conjunto contra a ruína e a miséria que lhes batem à porta. Nesta luta estão também interessados os pescadores e os comerciantes. A crise na indústria conserveira terá reflexos profundos nestas classes.

Que fazer?
Juntai-vos, industriais e operários e, unidos, pressionai as autoridades locais e o Governo para que os vossos problemas sejam resolvidos. Utilizai os mais variados processos de luta, desde as representações massivas junto do Ministro da Economia e do Secretário do Comércio até às concentrações e desfiles pelas ruas de Olhão, Portimão, Vila Real e Setúbal, etc. Que o Ministério da Economia dê seguimento ao pedido que há anos lhe foi dirigido pelos industriais conserveiros e que consistia no estabelecimento de relações comerciais com o Leste, o que abriria risonhas perspectivas para todos, operários e patrões.

Os propósitos da vossa luta têm o interesse e o apoio de toda a população, pois todos sofrerão com o encerramento das fábricas, sobretudo os trabalhadores.

TODOS AO RECENSEAMENTO!

O período de 10 de Janeiro a 15 de Março é destinado ao recenseamento eleitoral de todos os cidadãos, homens e mulheres, que já perfizeram 21 anos de idade e que satisfazem as condições constitucionais do direito de voto.

Salazar teme a participação do povo na vida da Nação e por isso ele e os seus lacaios da Assembleia Nacional fabricaram mais uma alteração à Constituição que impede a eleição do Presidente da República pelo sufrágio popular directo. Por sua vontade, eles eliminariam todo e qualquer acto eleitoral, mas o decadente regime não tem forças para tanto. E, assim, as eleições para deputados são ainda por sufrágio directo dos cidadãos eleitores.

Apesar destas eleições se realizarem só em 1961, o tempo não é demais para começarmos a dar os primeiros passos para elas. É o primeiro passo é recensearmo-nos e exigir o respectivo certificado.

O povo tem que correr em massa ao recenseamento e não consentir as costumadas trapaças e dificuldades que os salazaristas levantam. Obrigamo-los a cumprir ao menos as suas próprias leis!

Recenseemo-nos e levemos os nossos companheiros de trabalho, de escola, os nossos vizinhos, conhecidos e amigos a fazer o mesmo.

Formemos comissões de rua, de bairro e de localidade para que ninguém com direito a voto fique por recensear!



TRIBUNA DO LEITOR

As Falcatruas do Patronato da classe Vidreira

Como se sabe, foi assinado novo contrato colectivo de trabalho dos vidreiros.

Os patrões ficaram, entretanto, de apreensiar ao INTP a relação do passal que tinham para, nessa base, começarem a ser cumpridas as cláusulas estabelecidas no contrato.

Como isto é feito com inteira liberdade para eles, os patrões estão a fazer uma série de tropelias para fugirem à aplicação das cláusulas favoráveis aos operários.

Assim: O MATEIRO disse aos operários que se quisessem trabalho era sem o aumento! Como se recusassem, põ-los todos a 4 dias e baixou-lhes as categorias.

O SANTOS BAROSA despediu 40 operários, iniciou uma ofensiva para fazer 4 turnos de 8 horas cada, o que leva apenas a 5 dias de trabalho por semana, diminuiu o número de operários por obragem e baixou de categorias.

O RICARDO GALO passou as escolheiras para jornaleiros.

O MANUEL PEREIRA só deu aumento nos operários com mais de 20 anos.

NA EYMA querem que os operários feçam a jornal o que faziam de empreitada e as obrações de 1.ª passaram para 2.ª.

NA MARQUES DE POMBAI baixaram as categorias e pensam acabar com um 4.º ajudante, o que nos 30 obrações leva à baixa de categoria de dezenas de operários.

É evidente que com a baixa de categoria e por conseguinte a baixa de salário em relação ao salário anterior, o magro aumento do recente contrato passa a ser nulo.

Isto mostra bem como os nossos patrões não têm quem os defenda contra a exploração dos patrões. Senão a si próprios.

Só nós, camaradas vidreiros, temos que nos defender. Devemos desmascarar estas falcatruas, exigir que o sindicato intervenha em nosso auxílio; protestar e lutar junto dos patrões para que tais medidas não vão por diante.

Não podemos ficar indiferentes, temos que lutar! É a nossa própria vida e a saúde e manutenção dos nossos filhos e das nossas casas que estão em jogo. Os géneros aumentam, o custo de vida todo ele sobe constantemente e nós continuamos sem aumento.

Não podemos ficar parados!

Um operário Vidreiro

Aonde Vamos Parar?

O governo de Salazar continua a sua desenfreada carreira de tirar o nosso povo para a mais negra miséria na sua sede de auxílio aos monopólios. O que se passa em Torres Novas é flagrante e está bem o que acabamos de afirmar.

Aqui, onde a população rural vive especialmente da produção de uva para a destilação de álcool e que espera por esta venda para fazer em parte face às despesas que faz durante o ano com a sua subsistência, o governo de Salazar, através do grémio proibiu a venda livre deste produto, registou e impôs a sua venda ao referido grémio que é quem marca o preço.

Assim, no primeiro ano destas medidas o grémio pagou o produto a 30\$00, no segundo ano, ou seja, no actual pagu-o a 27\$50 e acaba de avisar que para o próximo ano será pago a 25\$00, quando os produtores o vendiam a melhores preços quando da venda livre.

Claro que o intuito desta medida é ir mais longe, como acima dissemos. O grémio passou a vender o figo aos industriais que nele estão medidos, enquanto os pequenos e médios industriais se sentem já assilar devido à falta de produto nas suas empresas e à concorrência desleal duma empresa de destilação de azeite de um daqueles senhores que está na Direcção do dito organismo.

Através a isto que o comércio local está agonizante (porque estas medidas estão-se fazendo sentir com certa intensidade) devido ao precário poder de compra da população afectada.

Duma assentada foram prejudicados: Agricultores, comerciantes, pequenos e médios industriais.

Despedimento dos Varredores de Almada

Em Outubro, a Câmara de Almada despediu mais de duas dezenas de varredores dizendo que o fazia por falta de verba mas outros dizem que é por não terem carta de exame.

Tal é a consciência dos que governam a nação; Negam o pão a algumas dezenas de chefes de família, com mulher e filhos, sendo assim atirados, sem dó, para a miséria.

E ainda se fala em fazer uma homenagem ao Presidente da Câmara, Dr. Aquilino Monteverde, pelos serviços que tem prestado.

O encarregado dos varredores chamou todos os varredores se estavam de acordo em dar 2\$50 para comprarem um ramo de flores para oferecerem ao Presidente da Câmara. Isto foi poucos dias depois do despedimento.

Não terá vergonha o capitaz de fazer tal pedido, depois de fazerem o despedimento; depois de terem tirado o joizomonal, que há pouco tinham concedido, depois de fazerem trabalhar o pessoal 4 horas a mais por semana sem as pagarem?

A meu ver é preciso acabar com tudo isto, com estas injustiças, quanto antes. Mas tudo leva tempo e muito trabalho.

Um almadense

VÍTIMA DO FASCISMO

Hermínio Martins acaba de falecer no Sanatório do Barro (Torres Vedras), miúdo por uma tuberculose contraída no famigerado Campo de Morte Lenta do Tarragal.

Filho de trabalhadores, participou no movimento revolucionário dos marinheiros, em 1936, e foi preso e deportado às ordens de Salazar. Em clima inóspito, submetido a trabalhos forçados, num ambiente de perseguições e violências, depois de 6 biltoses, acabou por ser minado de tuberculose pulmonar.

O Partido Comunista Português, em cujas fileiras Hermínio Martins militou, inclina as suas bandeiras à memória deste combatente da classe operária.



AS EXPERIÊNCIAS ATÓMICAS

(continuação da 6.ª pág.)

mento de pequenos monstros ou doenças hereditárias incuráveis.

Segundo os estudos dum sábio soviético, Alexandr Kusin, se se continuarem a realizar experiências atómicas no mesmo ritmo dos anos de 1956-57, nos próximos 30 anos, como consequência somente de tais experiências, morrerão 10 milhões de seres inocentes.

É o conhecimento destas terríveis consequências que faz com que os sábios de todos os países, soviéticos, americanos, ingleses, franceses, japoneses, alemães, etc., se levantem enérgicamente contra as experiências atómicas.

Tem interesse sublinhar o que um telegrama da France Presse transmitiu acerca das declarações do próprio alto-comissário da Energia Atómica francês, Francis Perrin, quando expôs e defendeu o programa nuclear do seu governo.

«Depois de ter tratado do perigo da radioactividade secundária, a qual — declarou — aumenta as probabilidades de leucémia e nascimentos monstruosos, Perrin afirmou que as únicas explosões que se justificam, experimentalmente, são as subterrâneas, com as quais se poderiam abrir portos e canais e tornar produtivos certos campos de petróleo. A este respeito disse « que a explosão atómica francesa no Sahara, que infelizmente é aérea, não tem qualquer interesse científico porque as experiências que já se fizeram permitiram obter todos os ensinamentos quanto a radia-

ções, ondas de choque, etc.» («O Século», 18-XI-59).

Se a experiência não tem interesse científico, que interesse tem então?

Foi a luta dos povos, bem como a justa política conduzida pela URSS, que fez com que, actualmente, além da URSS, os E. Unidos e a Inglaterra não estejam a realizar experiências atómicas. Evidentemente, a realização das experiências francesas contraria o compromisso tomado pelas potências atómicas.

Especialmente nos países onde são maiores os perigos resultantes dessas experiências, os protestos têm sido mais intensos, como nas nações africanas e Itália. Mas, segundo as afirmações de vários cientistas italianos e iugoslavos, um dos países que mais sofrerá com a queda de partículas radioactivas trazidas pelos ventos será o nosso. A censura salazarista impede os jornais portugueses de falarem dos perigos que representa tal experiência.

Esta é mais uma razão, e razão forte, para que os portugueses levantem a sua voz contra as experiências atómicas francesas, contra as experiências atómicas em geral, em defesa da Paz. Todos podemos escrever o nosso protesto para a Embaixada Francesa (Rua de Santos-o-Velho, n.º 5, Lisboa). Mas, além disso, podemos e devemos esclarecer os perigos gravíssimos destas experiências e, unindo os nossos esforços, pressionar o governo para que proteste junto do governo de De Gaulle.

QUANTIAS RECEBIDAS DOS AMIGOS DO PARTIDO

ATRASADAS		Ferrovieiros (M)		guiados		100.00		Libertação de	
ABRIL DE 1959		Uma amiga da		Liberdade		5.00		Alvaro Cunhal	
Ajuda ao P.	135.00	Liberdade	5.00	À memória de	25.00	Lopo	100.00	Maria da Fonte	10.00
Apelo urgente	795.00	Um amigo	5.00	Catarina		Mártires do		Fascismo	15.00
Avante E. N.	150.00	Viva a		Eufémia	56.00	Melo	120.00	Mineiros Pro-	
Aviação		Democracia	50.00	Amigo Ausente	700.00	gressistas	37.50	Idem, idem	7.50
Progressista	10.00	1.ª Reunião da		A Semente		Mulheres de		Aljustral	100.00
Branco	100.00	V. N. para		Germinal	390.00	O Partido		Vence	20.00
Economia		aumento		Assim foi tem-		Operários em		O futuro a	
Marxista	20.00	geral de		rado o Aço	143.00	Félias	800.00	nós pertence	10.00
Esperança		salários	82.50	As fêxteis		O Sul Luta	55.00	Operários em	
Vermelha	30.00			lutam	3.50	Para a luta		Proseguir	90.00
Estudante				Avante		Para a causa	150.00	Pável	10.00
Progressista	10.00	AGOSTO DE 1959		Ferrovieiros	17.00	Paz no mundo	6.50	Pedro Soares	152.50
Exército Democ	20.00	Nekrasov	185.00	Avante		Pela independência de		Pela independência de	
Firmeza na luta	12.00	Portugal		mineiros de		Portugal	15.00	Portugal	15.00
G. L. D.	50.00	Democrático	20.00	Aljustral	17.00	Pelo Partido	50.00	Pelo Partido	50.00
Grupo		Socialista	30.00	Idem, S.		do Triunfo		da Liberdade	5.00
Dimitrov	300.00	Um lavrador		Domingos	12.50	Repressão	22.50	Pescadores M.	40.00
«	300.00	Democrata	500.00	Idem, idem	267.50	Contra a		«	30.00
Lista 480	15.00	Vai-te, Salazar	120.00	Contra os		Salazar	270.50	Chico Miguel	100.00
Natal n.º 2 (T)	40.00	Viva a Paz	10.00	Despedimentos	60.00	Contra		Corifeiros	
Maria Machado	50.00	SETEMBRO 1959		Contra a		Repressão	22.50	Vermelhos	10.00
Mecânicos	42.50	Andemos para		Contra a		Salazar	270.50	Decio	20.00
Militão	30.00	avante na luta	5.00	Repressão	22.50	Chico Miguel	100.00	Dois amigos	15.00
Mulheres		Engenharia		Contra a		Corifeiros		Escritório	
Progressistas	100.00	Socialista	50.00	Contra a		Vermelhos	10.00	Vermelho	20.00
Nogueira	50.00	Imprensa livre	100.00	Contra a		Ferreira		Marquês	50.00
N. R.	10.00	Lénine	300.00	Contra a		Facho da		Facho da	
Para a frente		Libertação pre-		Contra a		Libertação	2.50	Libertação	
Para os perseguidos pelo		sos políticos	100.00	Contra a		Ferrovieiros	20.00	Ferrovieiros	20.00
fascismo	150.00	Novo amigo		Contra a		Vermelhos	20.00	Vermelhos	20.00
Paz e progresso	40.00	do Partido	1.000.00	Contra a		Flecha da		Flecha da	
Pela demissão		O Povo é tudo	5.00	Contra a		Libertação	2.50	Libertação	
de Salazar (L)	80.00	Pela Unidade dos		Contra a		Fore Salazar		Fore Salazar	
Idem, idem (P)	100.00	Intelectuais	1.000.00	Contra a		zar I (U)	4.50	zar I (U)	4.50
«	(T) 200.00	Quem luta		Contra a		Frente Democ		Frente Democ	
«	(Z) 36.00	vence l	5.00	Contra a		crática	1.000.00	crática	1.000.00
Pela libertação		Ultramarcos	60.00	Contra a		Guilherme de		Guilherme de	
de Alvaro		Um grupo de		Contra a		Carvalho	20.00	Carvalho	20.00
Cunhal (S)	20.00	amigos do P.	580.00	Contra a		Idem, idem	25.00	Idem, idem	25.00
Pela rápida		Viva o futuro	250.00	Contra a		G. Vermelhos	40.00	G. Vermelhos	40.00
saída de		OUBRO 1959		Contra a		João Baptista	150.00	João Baptista	150.00
Salazar	500.00	A caminho do		Contra a		Lénine	150.00	Lénine	150.00
Presente ao		Socialismo	657.50	Contra a					
Apelo do		A criança e o		Contra a					
Camarada		Pomba	6.50	Contra a					
Soares	902.50	Alentejano ver-		Contra a					
Rodrigues	130.00	melho (M)	15.00	Contra a					
Semente		Alex S	500.00	Contra a					
germinal	300	«	145.00	Contra a					
Solidariedade	160.00	Alvaro Cunhal	150.00	Contra a					
Trabalhadores		Alvorada	150.00	Contra a					
		Aos perse-		Contra a					

TOTAL: 17.791\$50

AS "BELEZAS" DO CORPORATIVISMO

E AS "MISÉRIAS" DA DEMOCRACIA

Na altura da entrada de Portugal para a Associação Europeia de Comércio Livre, tem interesse o conhecimento de alguns números respeitantes a todos os membros associados.

Países	População (milhões)	Produto nacional bruto ao custo dos factores em 1957 (milhões de dólares)	Produto nacional bruto por habitante em 1957 (dólares)	Produção de electricidade em 1958 (bilhões de Kwh)	Marinha mercante em 1958 (milhões de t.s.l.)
Suíça	5,2	6.698	1.290	17,9	-
Suécia	7,4	9.325	1.260	30,4	3,3
Noruega	3,5	3.618	1.034	27,2	0,4
Grã-Bretanha	51,9	53.626	1.033	98,5	20,3
Dinamarca	4,5	4.241	942	3,5	2
Austria	7	4.665	666	11	-
Portugal	9	1.851	206	2,7	0,5

Como se vê Portugal ocupa o segundo lugar no que respeita à população, mas, apesar disso, fica em último lugar, e bem destacado, quanto ao Produto Nacional. O que cabe a cada habitante do Produto Nacional (supondo claro que todos recebiam parte igual) dá-nos uma ideia do desenvolvimento económico do país, da riqueza dos seus filhos. A esse respeito, como se vê, nem multiplicando por três o que cabe a cada português conseguimos alcançar o que cabe a cada austríaco, cuja capitação se encontra mais perto da nossa.

A comparação das diversas produções, do comércio externo, etc., dos diversos países, evidentemente que nos coloca sempre numa situação... de país subdesenvolvido. Na revista de onde tiramos estes números (Relazioni Internazionali, 15 e 22 de Agosto de 1959) Portugal não aparece na produção de leite, manteiga e carne, embora todos os outros países apareçam na produção de leite e só a Noruega não apareça na manteiga e carne. Na produção de ferro e aço Portugal também não aparece. Na produção de cimento Portugal surge com 1 milhão de toneladas, igual à da Noruega, que, com Portugal, ficam atrás de todos os outros.

No quadro acima colocamos os números da produção de electricidade e da tonelagem da marinha

mercante, dois dos aspectos que o salazarismo não se cansa de apregoar como de grande progresso para o país. Na produção de electricidade estamos no fim. A Dinamarca, com metade da população, produz mais que nós e, como se verifica, fica bem distante de todos os outros.

Na marinha mercante, cujo desenvolvimento se deve à acção particular do actual Presidente da República, é que a situação é mais risonha. Embora tenhamos uma marinha mercante 4 vezes menor que a da Dinamarca (para não falar dos outros países que se distanciam mais de nós), ficamos, a este respeito, à frente da Austria e da Suíça. É verdade que estes países não têm mar, mas... estamos à frente.

A que se deverá esta distancia que Portugal se coloca?

Portugal tem um «governo estável» há 33 anos, um governo «forte», que tem feito o que tem querido pois não há direito de oposição à sua política. A frente desse governo está um «grande estadista» Portugal não sofreu as consequências da guerra.

Nos outros países existem democracias burguesas, governos não fortes, «instáveis», que têm de governar com parlamentos onde há representantes de vários partidos, entre os quais, partidos comunistas (em todos estes países os partidos comunistas têm existência legal). A maioria deles sofreu profundamente com a última guerra.

Dito por outras palavras: em Portugal existe um regime do grande capital que governa há 33 anos por meio dum ditador terrorista, oprimindo e explorando ao máximo as massas trabalhadoras, todo o povo. Nos outros países, embora capitalistas, existem certas liberdades democráticas, diversos partidos, entre os quais, partidos da classe operária. Em Portugal existe uma ditadura fascista. Nos outros países existem democracias burguesas.

PARA OS MIL CONTOS

ATRASADAS		Ferrovieiros (M)		guiados		100.00		Libertação de	
ABRIL DE 1959		Uma amiga da		Liberdade		5.00		Alvaro Cunhal	
Ajuda ao P.	135.00	Liberdade	5.00	À memória de	25.00	Lopo	100.00	Maria da Fonte	10.00
Apelo urgente	795.00	Um amigo	5.00	Catarina		Mártires do		Fascismo	15.00
Avante E. N.	150.00	Viva a		Eufémia	56.00	Melo	120.00	Mineiros Pro-	
Aviação		Democracia	50.00	Amigo Ausente	700.00	gressistas	37.50	Idem, idem	7.50
Progressista	10.00	1.ª Reunião da		A Semente		Mulheres de		Aljustral	100.00
Branco	100.00	V. N. para		Germinal	390.00	O Partido		Vence	20.00
Economia		aumento		Assim foi tem-		Operários em		O futuro a	
Marxista	20.00	geral de		rado o Aço	143.00	Félias	800.00	nós pertence	10.00
Esperança		salários	82.50	As fêxteis		O Sul Luta	55.00	Operários em	
Vermelha	30.00			lutam	3.50	Para a luta		Proseguir	90.00
Estudante				Avante		Para a causa	150.00	Pável	10.00
Progressista	10.00	AGOSTO DE 1959		Ferrovieiros	17.00	Paz no mundo	6.50	Pedro Soares	152.50
Exército Democ	20.00	Nekrasov	185.00	Avante		Pela independência de		Pela independência de	
Firmeza na luta	12.00	Portugal		mineiros de		Portugal	15.00	Portugal	15.00
G. L. D.	50.00	Democrático	20.00	Aljustral	17.00	Pelo Partido	50.00	Pelo Partido	50.00
Grupo		Socialista	30.00	Idem, S.		do Triunfo		da Liberdade	5.00
Dimitrov	300.00	Um lavrador		Domingos	12.50	Repressão	22.50	Pescadores M.	40.00
«	300.00	Democrata	500.00	Idem, idem	267.50	Contra a		«	30.00
Lista 480	15.00	Vai-te, Salazar	120.00	Contra os		Salazar	270.50	Chico Miguel	100.00
Natal n.º 2 (T)	40.00	Viva a Paz	10.00	Despedimentos	60.00	Contra		Corifeiros	
Maria Machado	50.00	SETEMBRO 1959		Contra a		Repressão	22.50	Vermelhos	10.00
Mecânicos	42.50	Andemos para		Contra a		Salazar	270.50	Decio	20.00
Militão	30.00	avante na luta	5.00	Contra a		Chico Miguel	100.00	Dois amigos	15.00
Mulheres		Engenharia		Contra a		Corifeiros		Escritório	
Progressistas	100.00	Socialista	50.00	Contra a		Vermelhos	10.00	Vermelho	20.00
Nogueira	50.00	Imprensa livre	100.00	Contra a		Ferreira		Marquês	50.00
N. R.	10.00	Lénine	300.00	Contra a		Facho da		Facho da	
Para a frente		Libertação pre-		Contra a		Libertação	2.50	Libertação	
Para os perseguidos pelo		sos políticos	100.00	Contra a		Ferrovieiros	20.00	Ferrovieiros	20.00
fascismo	150.00	Novo amigo		Contra a		Vermelhos	20.00	Vermelhos	20.00
Paz e progresso	40.00	do Partido	1.000.00	Contra a		Flecha da		Flecha da	
Pela demissão		O Povo é tudo	5.00	Contra a		Libertação	2.50	Libertação	
de Salazar (L)	80.00	Pela Unidade dos		Contra a		Fore Salazar		Fore Salazar	
Idem, idem (P)	100.00	Intelectuais	1.000.00	Contra a		zar I (U)	4.50	zar I (U)	4.50
«	(T) 200.00	Quem luta		Contra a		Frente Democ		Frente Democ	
«	(Z) 36.00	vence l	5.00	Contra a		crática	1.000.00	crática	1.000.00
Pela libertação		Ultramarcos	60.00	Contra a		Guilherme de		Guilherme de	
de Alvaro		Um grupo de		Contra a		Carvalho	20.00	Carvalho	20.00
Cunhal (S)	20.00	amigos do P.	580.00	Contra a		Idem, idem	25.00	Idem, idem	25.00
Pela rápida		Viva o futuro	250.00	Contra a		G. Vermelhos	40.00	G. Vermelhos	40.00
saída de		OUBRO 1959		Contra a		João Baptista	150.00	João Baptista	150.00
Salazar	500.00	A caminho do		Contra a		Lénine	150.00	Lénine	150.00
Presente ao		Socialismo	657.50	Contra a					
Apelo do		A criança e o		Contra a					
Camarada		Pomba	6.50	Contra a					
Soares	902.50	Alentejano ver-							

OS TRABALHADORES LUTAM POR MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA

Pressionados pelo aumento constante do custo de vida e pela agudização da exploração patronal, os trabalhadores recorrem à luta pelo melhoramento das suas condições de vida e de trabalho. Nas empresas e locais onde as lutas são travadas com firmeza e unidade conseguem-se êxitos totais ou parciais. Sempre assim tem acontecido na rica experiência de luta da classe operária portuguesa.

Cada trabalhador consciente da necessidade de se acabar com a miséria salazarista deve estudar essa experiência e inspirar-se nela para organizar e levar à luta os seus companheiros de trabalho. Só esta luta firme, organizada e unida poderá arrancar ao patronato e ao governo o aumento dos salários, a liquidação do desemprego e a baixa do custo de vida.

OS TÊXTEIS DA SERRA DA ESTRELA DESMASCARAM O MINISTRO-POLÍCIA

Como se sabe, foi assinado o novo contrato colectivo de trabalho dos operários de lanifícios da Serra da Estrela, o tal que, segundo «O Século», lhes deu agora «poder de compra». Os operários têm, contudo, uma outra opinião, como resulta de alguns factos que passamos a relatar e que a imprensa silenciou completamente.

Dias antes da assinatura do contrato foram destacados para a Covilhã e Tortozendo agentes da PIDE que se pavoneavam nas ruas e provocavam a população. No dia 5 de Novembro teve lugar uma reunião no Sindicato de Tortozendo para a leitura do novo contrato. Compareceram mais de 150 operários.

A leitura provocou um grande desapontamento, porquanto eram completamente ignoradas as reivindicações dos trabalhadores. Em vez de 60% pedidos, apenas 25% eram dados; em vez de se liquidar, era sancionado o roubo de 20% do total da obra produzida, sob o falso pretexto de cobrir as baixas nos salários nos períodos de menor produção.

Depois da leitura, os operários manifestaram a sua indignação e enviaram ao Ministro das Corporações um protesto, assinado por todos, reclamando a anulação do contrato e a satisfação das suas reivindicações. O delegado do I.N.T.P. recusou-se a enviar o protesto e, ao mesmo tempo, mandou con-

vites para um operário de cada fábrica assistir ao banquete em honra do ministro. Nenhum operário de Tortozendo assistiu ao banquete. No dia 8 chegou o ministro. Desde a entrada da povoação começou a não ver pessoas nas ruas e as poucas que passavam voltavam-lhe as costas. Nos cafés, quase vazios, ninguém aparecia às portas. O senhor ministro foi visitar o bairro e deparou com janelas e portas fechadas e ninguém nas ruas, apenas aberta a casa dum operário que, dias antes, tinha sido intimado a mostrá-la.

Ministro e comitiva andavam fúlos. A PIDE perguntava raivosamente a algumas pessoas que encontrava na rua para onde se tinha deslocado a população, se estava no campo e onde.

Quando o Ministro chegou à Covilhã despejou a sua raiva gritando: «Esses brutinhos que andam à minha frente (referia-se aos agentes da PIDE) não vêem nada, são uns ceguinhos... É preciso fazer vítimas, prender meia dúzia para quebrar isto!»

Como se vê, o ministro-polícia-aldrabão-de-feira continua a recolher por todo o país fartos «aplausos» à sua política de «protecção» ao trabalhador.

Os operários de Tortozendo e da Covilhã, em estreita unidade, poderão obter a satisfação das suas legítimas reivindicações.

OS OPERÁRIOS DA PARRY E SON LUTAM POR MELHORES SALÁRIOS



Os operários desta empresa dirigiram uma exposição aos patrões pedindo a equiparação dos seus salários aos dos operários do Arsenal do Alfeite. Na secção de Caciilhas os encarregados impediram que os trabalhadores assinassem a exposição no local de trabalho, o que os obrigou a assiná-la fora da empresa. O interesse dos operários foi tão vivo que chegaram a formar bichas para assinar. A exposição foi coberta com 800 assinaturas de

operários das duas secções: Caciilhas e Lisboa.

A acção dos trabalhadores da Parry despertou o maior interesse entre os operários da construção e reparação naval de Lisboa e de outras empresas.

Operários da PARRY: a vossa luta é justa. É, porém, necessário insistir junto do patrão, sempre em massa, para que as vossas reivindicações sejam atendidas. Com decisão e firmeza triunfareis.

AS TEEDEIRAS DA CUF DO BARREIRO RECUSAM OS 4 TEARES

A pouco e pouco a direcção da CUF pretende colocar as teedeiras a trabalhar com 4 teares manuais. Já vários grupos de 10 e 15 operárias têm sido obrigadas a trabalhar com 4 e 3 teares, mas só nos turnos diurnos. Isto tem provocado o descontentamento das operárias, algumas das quais se têm recusado a fazê-lo. Estas têm sido mandadas para o serviço de limpeza como repesália da gerência. Porém, recentemente, quiseram aplicar os mesmos métodos nos turnos da noite. 15 mulheres intimadas a pegar nos 4 teares recusaram-se a fazê-lo e protestaram junto do encarregado e do engenheiro da secção. Este miserável, que é conhecido pelo «TIDE», chamou a GNR que en-

trou na fábrica e intimou as operárias a trabalharem com os 4 teares. Indignadas, mas assim coagidas, estas acabaram por ceder.

Operárias teedeiras da CUF: se vos unirdes todas como uma só e se pedirdes a solidariedade de todos os operários da CUF esta miserável forma de exploração terminará.

Unidas, nem a GNR, nem o Manuel de Melo, nem o «Tide» poderá fazer-vos vergar.

UMA PEQUENA GREVE SIGNIFICATIVA

Os varredores municipais de TORRES NOVAS, em número de 12, são submetidos a uma vil exploração. Sobre os magros 20\$00 do seu salário pesam ainda os descontos. Trabalham muitas vezes ao domingo e, às segundas feiras, dia de mercado, chegam a trabalhar vinte horas, sem que a Câmara lhes pague mais por isso. No dia 2 de Novembro, dia de mercado, resolveram sentar-se todos, dizendo às pessoas que estavam em greve durante uma hora, como protesto contra a exploração camarária. A população local rodeou-os com a sua simpatia. Consta que foram acusados de «comunistas» e que vão julgá-los.

Os exploradores não têm outra forma de considerar as reivindicações dos trabalhadores famintos senão chamando-lhes comunistas e entregando-os à PIDE.

DUAS GRALHAS

Rectificamos os seguintes gralhas no «Avante!» n.º 283:

No artigo sobre a Revolução de Outubro, 1.ª pág., onde se lê «Em 1958 a produção de aço na URSS... mais aço e petróleo que durante todo o ano de 1913», deve ler-se: «mais aço e petróleo num só mês que durante todo o ano de 1913».

No artigo sobre a libertação dos povos coloniais, parágrafo 11.º, onde se lê «com qualquer outro pedaço do território nacional?» deve ler-se: «com qualquer outra parcela do território colonial?».

QUANDO O POVO FAZ VALER OS SEUS DIREITOS

Relatamos hoje duas lutas que mostram como o nosso povo reage às iniciativas anti-populares dos fascistas, que só agora chegaram ao nosso conhecimento.

Em SOUTO (Abrantes) foi criada uma Casa do Povo contra a vontade da população local que se recusou unanimemente a contribuir para ela. As autoridades encarregaram o regedor e os quinze cabos de ordens da freguesia de procederem ao arrolamento dos bens dos paroquianos, a fim de determinar a contribuição a quebrar compulsivamente a cada um. Então, toda a população veio para a rua, armada de paus e forquilhas, recusando-se terminantemente a tal arbitrariedade. O INT solicitou ao tribunal o envio duma força da GNR para obrigar a população, o que foi recusado. Foi então estabelecida a contribuição voluntária.

Descontentes com esta decisão, demitiram-se o regedor e o presidente da Junta de Freguesia. Para o lugar deste foi nomeado um outro não do agrado dos fascistas locais, que se queixaram ao ministro do Interior.

A outra foi em ASSENTIZ (Torres Novas), a propósito duma festa local, que o padre quis impedir por lhe recusarem a elevada quantia que exigia para a festividade religiosa. Este senhor padre nos seus sermões aconselhava os cren-

tes a não comparecerem na festa e as mães a não deixarem as filhas irem ao baile, pois os rapazes queriam praticar actos imorais. Poucos dias antes fez-se acompanhar pelo antigo presidente da Câmara, o fascista Dr. Alves Vieira, agora presidente da Junta, na visita a várias aldeias para dissuadir a população. As mulheres correram com os dois à pedrada e os homens gritavam dos campos, onde trabalhavam, para o fascista Alves Vieira: «vai dar os 300 contos que roubaste na Câmara!»

No dia da festa, os habitantes da freguesia que se dirigiam ao local dos festejos verificaram espantados que o local estava ocupado por forças da PSP com quatro metralhadoras que impediam o acesso dos forasteiros. As mulheres, para mostrarem que ninguém vinha com propósitos de arruaça, ofereceram aos guardas da PSP café e bolos. Constatando os intentos pacíficos dos habitantes, o comandante da força resolveu retirar, podendo então o povo fazer a sua festa.

Depois desta insólita acção do padre, os crenes da freguesia recusam-se a comparecer às missas, enquanto tão mau «pastor» as ministrar.

Estes dois exemplos mostram que, quando o povo quer fazer valer os seus direitos, os fascistas são obrigados a recuar.

SUGAM SUOR E SANGUE

Acabemos de ser informados de que nos Estaleiros Navais de Viana do Castelo morreu a trabalhar um operário de cerca de 50 anos de idade. Cinquenta anos não é velhice. Mas o seu corpo mal alimentado e agotado uma exploração implacável durante 13 anos agarrado ao revólver de ar comprimido, aguentara períodos de desemprego que o mesmo é dizer de fome.

Também na secção de CUF, no Barreiro, um operário, pouco depois de chegar ao trabalho caiu no chão. Porque? Este trabalhador encontrava-se doente, mas ele sabia que no «paraíso» corporativo de Salazar e Veiga de Macedo os trabalhadores doentes ficam 6 dias sem ganhar um real e, depois, enquanto permanecem doentes, os seus salários sofrem reduções consideráveis. A sua miséria era tão grande que ele nem sequer queria pensar em dar parte de doente.

Qual o procedimento das duas empresas para com estes dois trabalhadores? Auxiliaram-nos e às suas famílias?

Que ingenuidade pensar em tal! A Direcção dos Estaleiros — cujos administradores ganham chorudos ordenados — procurou esconder o seu crime e, para isso, tudo fez no sentido de evitar a autópsia e de dar a morte como ocorrida fora do horário de trabalho para fugir ao pagamento dos subsídios.

E os magalhães da CUF — a maior empresa monopolista do País — esses não prestaram qualquer assistência ao operário doente e só mercê dos protestos indignados dos seus companheiros de trabalho é que os encarregados o deixaram ir para casa.

Trabalhadores! Os patrões sugam suor e sangue, privilegiados pelo regime corporativo. Hoje são os vossos companheiros que caem vítimas da exploração e da fome. Amanhã sereis vós próprios. Por isso, não deveis consentir que estes crimes se cometam, deveis protestar enérgicamente. Se for necessário, para o trabalho!

O socialismo em marcha

A REPÚBLICA CHECOSLOVACA TERMINA A CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO

A República Checoslovaca inicia uma nova etapa do seu desenvolvimento que terminará a construção do socialismo.

Para alcançar este objectivo, o XI.º Congresso do Partido Comunista da Checoslováquia, celebrado em Junho de 1958, estabeleceu que, além de continuar estreitando a colaboração fraternal com a URSS e todo o campo socialista, era necessário cumprir as seguintes tarefas de importância primordial: conseguir a vitória decisiva da grande produção socialista na agricultura; acabar com os vestígios das classes exploradoras; desenvolver as forças produtivas na base da técnica moderna, em particular da mecanização, da automatização e da química; elevar substancialmente a produtividade do trabalho na indústria, na construção e nos transportes; aumentar o rendimento da produção agrícola; assegurar a elevação incessante do nível de vida do povo.

Ao mesmo tempo, o P. C. Checo põe ante si a tarefa de desenvolver a democracia socialista, incrementar a participação dos trabalhadores na direcção do Estado e da economia, fortalecer a unidade moral e política do povo e completar a revolução cultural.

A indústria desempenha o papel determinante no desenvolvimento da economia: cabe-lhe 68% da renda nacional (dados de 1958). A produção industrial triplicou em relação a 1937. Este ritmo veloz de desenvolvimento da indústria, assim como o de toda a economia checoslovaca, só foi possível dentro do sistema socialista.

Em 1958 foi posto em prática um novo sistema de direcção da indústria, que tem dado os melhores resultados. As medidas adoptadas na Checoslováquia para melhorar a

direcção da indústria assentam no princípio leninista de que para construir o socialismo há que basear-se no interesse económico e na consciência do povo. O P. C. Ch., que agrupa à sua volta as forças do socialismo, os comités nacionais, os sindicatos, a União Checoslovaca da Juventude, trata de utilizar praticamente as favoráveis condições criadas no seu país, para resolver, com a participação activa dos trabalhadores, as importantes tarefas do fomento da economia. Por exemplo, as directrizes do plano de Estado para 1960 já foram apresentadas aos trabalhadores, para que estes tivessem tempo de discutí-las e dar as suas opiniões; e o programa para o próximo ano começou a ser elaborado na base, nas fábricas e empresas, para esse fim já tiveram lugar dezenas de milhares de reuniões de produção. O povo checoslovaco trabalha e participa com entusiasmo no desenvolvimento da economia do seu país, pois aumenta cada vez mais o seu nível de vida material e cultural.

Enquanto no mundo capitalista o nível de vida dos trabalhadores permanece estacionário ou desce, na Checoslováquia foram reduzidos os preços e elevaram-se as pensões e subsídios familiares. Os salários nominais tiveram em 1958 um aumento de 2,2%, em relação a 1957, mas o salário real aumentou muito mais do que esta percentagem. Até 1970 serão edificadas 1.200.000 prédios, com o que ficará definitivamente resolvido o problema da habitação.

O povo checoslovaco está totalmente decidido a terminar, quanto antes, a construção do socialismo na Checoslováquia, e a assentar as bases para a passagem gradual para o comunismo.

LIBERDADE PARA ALVARO CUNHAL!

Álvaro Cunhal, esse destacado patriota, acaba de cumprir mais um período de 3 anos das celeradas «medidas de segurança». Encarcerado desde Março de 1949 e tendo terminado a pena a que foi condenado em Janeiro de 1956, continua no entanto desde essa data à mercê dos criminosos desígnios da PIDE.

Só a luta de todos os portugueses honrados e desejosos de que haja justiça poderá evitar que, a pedido dos sicários da PIDE, Álvaro Cunhal possa ser submetido de novo a mais outros 3 anos de «medidas de segurança». Em vários países estrangeiros, organizações democráticas e individualidades secundam a luta do povo português pela libertação de Álvaro Cunhal. Esta acção conjugada de todas as pessoas de sentimentos arrancarà Cunhal das mãos dos carrascos salazaristas!

Lutemos todos para que Álvaro Cunhal seja libertado!
Que Álvaro Cunhal possa passar o Ano Novo junto dos seus!

HÁ 10 ANOS

MORREU SOEIRO PEREIRA GOMES

A 5 de Dezembro de 1949, quando muito ainda havia a esperar da sua abnegação e do seu talento, tombou na luta este dirigente querido do P.C.P., membro do seu Comité Central.

Foi mais uma vítima do terror salazarista, pois que, para a sua morte, muito contribuíram as duras provas da clandestinidade que teve de suportar para continuar o seu combate activo pela Democracia e o Socialismo.

Joaquim Soeiro Pereira Gomes foi também um grande escritor. Nos seus romances, nos seus contos, e par do cruel realismo da vida portuguesa, e par de sonhos que se desluzem sob o laço brutal da exploração patronal e do fascismo, palpitam sempre notas ardentes de ternura e de confiança profunda no Homem e no

mundo futuro que ele construirá com as suas mãos.

História de «Homens que nunca foram crianças» é o seu romance «Estelros», «Engrenagem», «Refúgio Perdido», «Contos Vermelhos» e manuscritos dispersos, essa foi a contribuição de Pereira Gomes, do militante comunista desbragado para a vida do seu povo, à literatura portuguesa.

Mas Pereira Gomes não permaneceu apenas como espectador. Ele era um homem de acção e o melhor da sua vida, da sua capacidade, deu-o ao povo, ao seu Partido, na luta diária, hora a hora, contra a opressão salazarista.

«Na noite fascista» ele ajudou a «atear clarões numa alvorada». O povo português nunca o esquecerá.

AS EXPERIÊNCIAS ATÓMICAS NO SAHARÁ CONTAMINARÃO PORTUGAL!

LUTEMOS CONTRA AS EXPERIÊNCIAS ATÓMICAS FRANCESAS

A pesar dos protestos crescentes e da condenação maciça da ONU em relação à realização de experiências atómicas no Sahará, (o delegado português absteve-se!) De Gaulle persiste em levá-las por diante, com a explosão duma bomba atómica franco-alemã.

Porquê? Como dizíamos no último número do nosso jornal, tal política corresponde à falsa ideia de prestígio que De Gaulle defende, bem assim como à sua colaboração com o governo de Adenauer.

Evidentemente que em França levantam-se as vozes de protesto dos partidários da Paz, de todos os patriotas que vêem o prestígio, real, da França, assente numa política de Paz, prestígio que lhe deu, por exemplo, a criação da pilha atómica Zoé em fins de 1948, obra pacífica desse grande cientista que foi Jolliot-Curie.

Mas, independentemente de tais experiências desviarem verbas astronómicas de actividades úteis e de serem um incentivo à guerra fria, elas, por si só, representam graves perigos para toda a humanidade.

Interessa ter uma ideia concreta, embora simples, desses graves perigos.

As explosões atómicas realizadas nas experiências, além das grandes destruições que causam, provocam o aparecimento de grande quantidade de substâncias rádioactivas, isto é, substâncias que

emitem radiações (como sucede com o elemento rádio).

Entre estas substâncias há umas que perdem rapidamente a sua rádioactividade, mas há outras que só a perdem ao fim de dezenas de anos. Ora sucede que estas substâncias, após a explosão atómica, se condensam em pequenas partículas formando núvens rádioactivas. As partículas maiores caem dentro dum raio de 200 quilómetros em torno do local da experiência, mas as mais pequenas são arrastadas pelos ventos, deslocam-se no espaço e vão cair bem longe contaminando toda a Terra.

Caindo no solo, essas substâncias passam às plantas, destas ao gado, e chegam, quer por umas quer por outro, ao organismo humano.

Têm-se feito muitas análises, nos Estados Unidos, na União Soviética, Inglaterra, Japão, etc., sobre a quantidade de substâncias rádioactivas que aparecem, por exemplo, nos ossos das crianças falecidas entre 1 e 5 anos, observa-se, de ano para ano, um aumento constante dessa quantidade.

Ora as radiações emitidas por essas substâncias actuam sobre a medula provocando a leucemia (ou cancro do sangue, como é vulgarmente conhecido), actuam sobre o tecido ósseo provocando sarcomas (cancers) e actuam sobre os tecidos embrionais provocando o nasci-

(continua na 4.ª pág.)

PELA AMNISTIA

(continuação da 1.ª pág.)

trados e como homens, ditam pesadas sentenças de acordo com os ordens de Salazar e da PIDE.

A sanha salazarista concentra-se sobretudo contra os comunistas, como força de vanguarda que constituem, mas hoje ela não poupa também elementos de outras correntes políticas ou ideológicas, democratas de várias tendências, monárquicos, católicos, oficiais do exército, padres, etc.. Que dizer desse monstruoso processo movido ao grande escritor Aquilino Ribeiro, mestre da nossa literatura? Que dizer do caso do Bispo do Porto, que se encontra em Tuy (Espanha), impedido por Salazar de entrar em Portugal? Que dizer da noíça que corre insistentemente acerca duma nova vaga de prisões nos quadros do Exército?

O terror, o ambiente de intranquilidade têm de acabar. Os presos e os perseguidos políticos têm de voltar aos seus lares e à sua Pátria.

Lutar pela amnistia e contra a repressão não significa mais do que um gesto de solidariedade humana.

A amnistia a todos os presos e perseguidos políticos sem excepção é um desejo sentido por todo o povo e já concretizado em milhares e milhares de assinaturas, em apelos vários, em manifestações públicas, etc.. No Couço foram já recolhidas e enviadas ao Tribunal Plenário 1.650 assinaturas exigindo a libertação do trabalhador alentejano Joaquim José Dias; no recente almoço dos democratas em Braga foi aclamada de pé uma proposta para que se intensifique a luta pela li-

bertação dos presos políticos e, logo de seguida, assinada uma moção dirigida ao Pres. da República que recolheu mais de 500 assinaturas; no Barreiro, um grupo de mulheres recolhe também assinaturas para um texto contra a repressão e pela amnistia; em S. Paulo (Brasil), realizou-se um comício no qual foi aprovada uma representação ao Governo brasileiro para que interfira no sentido duma amnistia aos presos políticos de Portugal e de Espanha, para a qual se propõem angariar 200 mil assinaturas.

A campanha pela amnistia deve ser agora particularmente intensificada, pois aproxima-se o Natal e um Novo Ano. Os mais esforçados e esclarecidos devem procurar conversar com todas as pessoas de coração, quaisquer que sejam as suas tendências políticas ou religiosas, e esclarecê-las sobre a justiça da luta pela amnistia e procurar congregá-las em amplas Comissões de Amnistia, que reúnam e assentem formas concretas de luta.

Desde as abordagens para recolha de assinaturas e de opiniões, desde as inscrições aos telegramas, até às representações junto da Assembléa Nacional, dos deputados e de outras autoridades civis e religiosas, tudo são passos, uns grandes, outros mais pequenos, mas cujo somatório será uma valiosa contribuição para se obter a amnistia.

Se para esta acção soubermos congregar esforços e vontades, sem qualquer discriminação, Salazar e os seus esbirros serão obrigados a recuar.